

A LINDA E GLORIOSA HISTÓRIA DAS CORREN- TES QUEBRADAS

L. 12984-5-V.



DEP. LEG.

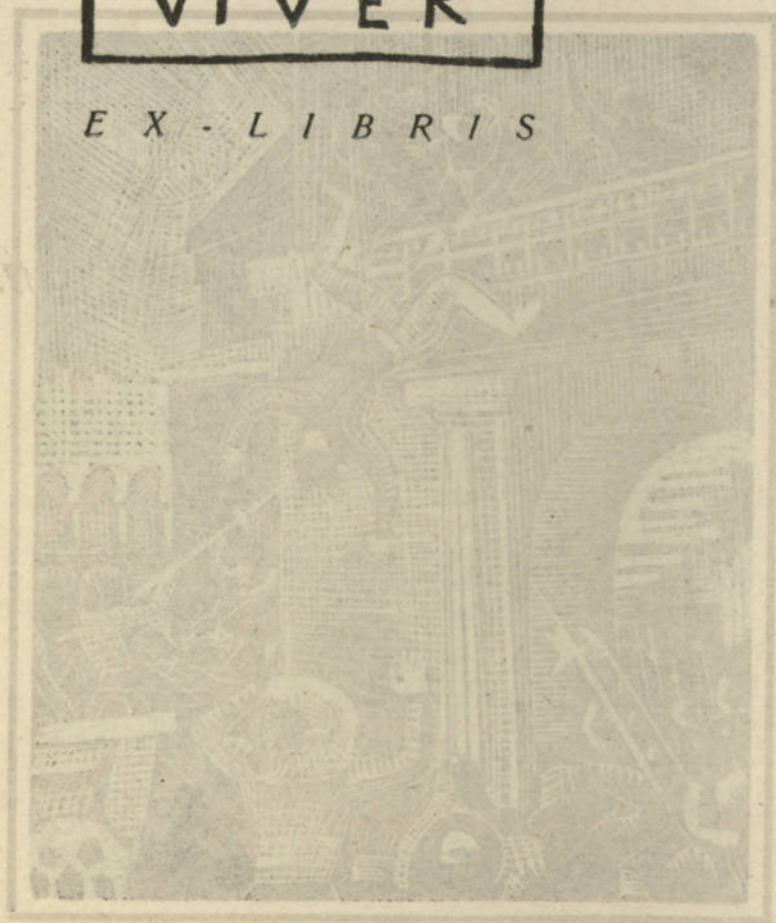
P.155235

COLEÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO TRINTA E SEIS

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1943



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.ª
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1943

LIVRO TRINTA E SEIS

A LINDA E GLORIOSA HISTÓRIA DAS CORRENTES QUEBRADAS

Há quatrocentos anos vivia ali pelas alturas de Bemfica um vêlho fidalgo que tôda a gente estimava e respeitava. Não havia coração mais generoso e nobre do que o seu, nem ânimo mais rijo e resolutivo. Ia nos oitenta anos mas ninguém tal diria. Direito que nem um pinheiro da serra e rijo que nem rochedo que o temporal não pode vencer. Nunca ninguém o vira doente nem o pêso dos anos o enfraquecera. Montava a cavalo como um rapaz; no monte, à caça, ninguém lhe levava a melhor.

Vivia num grande solar com seu jardim, horta, pomares e vastíssimas terras em redor, de pão, de azeite e de vinho. E tudo aquilo pertencia à sua família havia centenas de anos e tinha sido ganho à fôrça de muitos trabalhos, e ganho com honra que não havia ali uma pedra nem uma mão cheia de terra que não fôsse limpa.

A fidalguia nasce do povo. Os fidalgos eram os homens do povo que nas guerras mostravam maior coragem e melhor cabeça e que, na hora da vitória, os reis recompensavam dando-lhes terras e dinheiro. Os filhos dêsses, animados pelo exemplo dos pais, tornavam-se grandes homens de guerra, e pelo seu valor, ganhavam seus prêmios. Assim iam as famílias desta gente enriquecendo pelo seu esforço e suas virtudes e à custa de muito sangue que derramavam e de muitas vidas que perdiam por amor da sua pátria, da sua religião e do seu rei. E os reis davam-lhes títulos e honras. Dêste modo se criavam os grandes capitães portugueses que tantas coisas espantosas fizeram por êsse mundo fora. Dom Nuno Álvares Pereira, Vasco da Gama e tantos outros que deixaram para sempre os seus nomes na memória de tôda a gente, assim vinham de famílias ennobrecidas pelos reis mas que tinham o seu princípio no bom povo que cavava a terra.

Hoje a fidalguia enfezou, degenerou e desapareceu. Há gente rica; mas isso é uma coisa diferente. Os ricos de hoje enriqueceram pelo comércio e pela indústria; trabalharam só com o sentido de enriquecer. Os fidalgos serviam o seu país e o seu rei e arriscavam a vida pela sua fé. Depois tinham o prêmio; mas não era por amor do prêmio que vertiam o seu sangue. Por isso a diferença é muito grande entre os fidalgos de outros tempos e os ricos de agora.

Este vêlho fidalgo de quem a história vai ser contada chamava-se Dom José de Abreu.

Dom era um título que os reis portugueses davam aos seus fidalgos em prêmio de grandes façanhas. Ainda não havia em Portugal títulos de duque e de marquês e já havia o título de Dom que era uma grande honra. Quando

Vasco da Gama descobriu a Índia, el-rei Dom Manuel deu-lhe o título de Dom para êle e para todos os seus descendentes.

Ja Dom José de Abreu nos seus dezassete anos quando batalhou como um valente contra os espanhóis, em Alcântara, ao lado do Prior do Crato. Com êle andou depois fugido e foi a Inglaterra e a França na sua companhia e esteve na ilha Terceira em batalhas contra a gente de Filipe II; e quando viu que as coisas estavam perdidas em Portugal, foi para o Brasil e lá batalhou contra holandeses e ingleses que queriam tomar conta daquelas terras. E depois andou muitos anos no mar em combates contra piratas moiros, franceses e ingleses.

Tivera sempre uma vida rude, cheia de perigos. Não sabia o que era medo. Mas a par disso não havia fidalgo que tivesse melhores maneiras nem que fôsse mais delicado nos seus sentimentos.

Casara e enviüvara e tivera um filho único que era a luz dos seus olhos e que morrera em Évora na revolta que lá houvera contra os espanhóis. A nora morrera também e Dom José ficara só com um neto, Dom Rodrigo, a quem queria mais do que à própria vida e que educava a seu modo para fazer dêle um homem.

Dêste modo Dom José, como outros fidalgos daquele tempo, tinha passado muitos anos da sua vida por êsse mundo, onde havia terras portuguesas. E eram tantas as terras portuguesas naquele tempo sôbre tôda a redondeza da terra!

Fala-se agora muito do Império inglês; mas o nosso não era mais pequeno e a nossa fôrça era tamanha que nenhum navio estrangeiro tinha até ali licença de navegar nas nossas águas nem de negociar nas nossas terras de além-mar. A Inglaterra era então uma ilha num canto da Europa e não tinha nenhum poder fora dela; enquanto o nosso se estendia pelo mundo todo.

Do mesmo modo outros países que hoje governam a terra eram naquele tempo bem pouca coisa comparados com o nosso. Assim a vida das nações é como a dos homens. As coisas da terra estão sempre a mudar. A eternidade é só de Deus.

O neto de Dom José de Abreu, Dom Rodrigo, tinha vinte anos. Era um rapaz que honrava a família onde nascera e a pátria a que pertencia. Lindo e perfeito rapaz, tão cheio de coragem e de juízo que fazia a admiração de quantos o conheciam. Mas não tinha alegria. Nunca ninguém o vira em pândegas nem sequer em divertimentos próprios da sua idade. A servidão de Portugal pesava-lhe tanto sôbre o coração que não havia felicidade capaz de curar ou suavisar aquela ferida profunda.

Tinha Dom Rodrigo quatro amigos com quem fôra criado de pequeno porque as famílias eram muito unidas; e os cinco rapazes andavam sempre juntos, entendiam-se bem e pensavam do mesmo modo.

Triste foi a infância dêstes cinco amigos. Só ouviam histórias dos abusos, opressões e crueldades dos espanhóis, e da miséria, desgraças e vexames que os portugueses sofriam.

Dois dêstes rapazes eram fillhos de Dona Filipa de Vilhena, condessa

de Atouguia, senhora de grande valor que, tendo perdido seu marido, criara os filhos duramente para que viessem a ser rijos de corpo e de alma e dignos do nome que usavam. Os outros dois eram também filhos de uma viúva igualmente valorosa, igualmente nobre de sangue e de alma, Dona Mariana de Lencastre. Chamavam-se os dois primeiros, Dom Jerónimo e Dom Francisco; e os outros dois, Fernão e António.

Tinham estes últimos uma prima órfã que fôra criada com êles como irmã. Desde pequenos Maria do Anjo e Dom Rodrigo tinham sido muito amigos e, com a idade, aquela amizade tornara-se num grande amor. Era um destes amores muito raros que tomam conta da vida inteira de quem os tem. Não havia para Maria do Anjo outro homem na terra senão Rodrigo; não havia para Rodrigo outra mulher senão Maria do Anjo. Mas tanto para um como para outro, havia um amor mais alto ainda e mais forte que o amor que os unia: era o amor da pátria. Não há nada para fazer crescer nas almas nobres o amor da pátria como vê-la sacrificada, humilhada e infeliz.

Um dia Maria do Anjo disse a Rodrigo:

— Tenho pensado muito no nosso amor. Nada se opõe ao nosso casamento. Mas parece-me a mim que não temos direito a uma felicidade tão perfeita enquanto a nossa pátria estiver presa, algemada e torturada. Passei ontem muitas horas a rezar na capela da nossa casa e fiz um voto, Rodrigo. Vou entrar no convento e de lá não sairei senão no dia em que forem quebradas as correntes que prendem a nossa terra.

Disse isto sem lágrimas e com uma tão linda e serena resolução, que Rodrigo, agarrando-lhe nas duas mãos, respondeu com a mesma forte serenidade:

— És a mulher mais admirável que existe e saberei ser digno de ti. Tens razão. Não há felicidade possível para nós enquanto se não quebrarem as correntes que torturam a nossa querida pátria. E aqui te prometo e diante de ti prometo a Deus, de não tornar a ver-te senão no dia em que fôr bater à porta do teu convento com a notícia de que as correntes foram quebradas.

E Maria do Anjo entrou para o convento.

Rodrigo e os seus quatro amigos passavam muitas vezes o serão na companhia de Dom José de Abreu; e não havia para êles maior entretenimento do que ouvir o velho fidalgo contar coisas da sua vida passada.

Uma noite Dom Rodrigo pediu ao avô que contasse aos seus amigos a história da Invencível Armada.

— Como foi, senhor Dom José? — perguntou Dom Jerónimo. — Vossa Senhora deve estar bem lembrado, que tudo isso foi do seu tempo.

— Ora como foi... — respondeu Dom José. — A Invencível Armada era uma esquadra como não havia outra no mundo. Quasi tóda ela construída aqui nos estaleiros do Tejo e por mãos portuguesas, que não havia outras em tóda a redondeza da terra capazes de fazerem barcos como elas. Eram os galeões que pareciam fortalezas a boiar, eram as caravelas do modelo das que tinham navegado em todos os mares e combatido contra todos os povos da África e do Oriente; sem contar as xalvas... Eram ao todo cento e quarenta e seis navios dos quais alguns tinham cinqüenta peças e mais. Levava esta

armada perto de vinte mil homens de guerra com os quais Filipe II ia invadir a Inglaterra. Ninguém duvidava da vitória. Quem havia de duvidar? Havia muito tempo que Portugal e a Espanha eram os únicos grandes impérios que existiam na Europa. Senhores de todos os mares, senhores de tantas terras no mundo inteiro que nunca o sol se deitava nos seus domínios. Quando era noite em Portugal e Espanha, amanhecia em terras portuguesas e espanholas nos novos mundos descobertos e conquistados por espanhóis e portugueses. A terra tinha sido dividida a meio: metade para as descobertas e conquistas de cada um destes países. Quem havia de duvidar da vitória? Não havia marinheiros como os da Península, nem melhores soldados, nem reino mais rico e poderoso que o de Filipe II. Os homens embarcaram tão certos da vitória como eu estou certo de atirar esta acha de lenha à lareira. Era gente que não estava acostumada a ser vencida. E por quem? Por aquêles homens loiros e esguios que nunca tinham saído dos mares da Europa? Ninguém se importou muito com os preparativos. Preparativos para quê? Para tão fracos inimigos nem valia a pena pensar-se muito na batalha. Qualquer coisa serviria para dar cabo dêles. Os ingleses! Quem pensava a sério nos ingleses? Eram uns piratas costeiros sem fama. Os espanhóis fartavam-se de rir. Não faltavam histórias e pilhérias a propósito dos ingleses. O comandante da armada era o duque de Medina Sidónia. Mas nem êle nem os seus capitães se importavam com o armamento e as equipagens dos navios. Quando um país ganha um grande poder começa a cuidar que ninguém lhe chega. Quando um país está perto do fim começa a não ter boas cabeças que o governem. Na Invençível Armada os marinheiros eram metade do que deviam ser, e as munições eram poucas: a artilharia não levava mais de cinqüenta tiros por cada peça. Mas os espanhóis riam às gargalhadas e diziam que nem dez tiros seriam precisos... E o pior de tudo é que não havia disciplina a bordo. Cada capitão puxava para o seu lado e os homens não estavam ensinados a obedecer...

Dom José calou-se e ficou algum tempo a cismar. Mas os rapazes acudiram logo:

— E depois? E depois?

Dom José sorriu para êles e continuou:

— Governava então a Inglaterra uma rainha. Uma grande rainha chamada Isabel, que nunca se quis casar. Uma grande cabeça. Cheia de habilidade e de manha. Foi ela que fez a grandeza do seu país. A Inglaterra ia a crescer e a Espanha ia a morrer; mas essas coisas só se vêem depois; ainda hoje há muita gente que as não vê. A Inglaterra há-de crescer ainda mais, há-de tomar o lugar que nós tínhamos no mundo. Depois o seu poder há-de acabar e outro país há-de nascer e crescer e governar o mundo... As nações são como os homens.

— Que navios tinha a Inglaterra, senhor Dom José?

— A rainha Isabel só tinha trinta e quatro navios de guerra... e não eram grande coisa; só dois eram de trinta toneladas. Pouco mais de seis mil homens de guerra; pouco mais de setecentas peças de artilharia. Mas a hora dos ingleses estava marcada por Deus. Quando Deus marca a hora de uma

nação, ainda que essa nação só tenha pouco e mau armamento e que o inimigo seja cem vezes mais forte, a hora é dela.

— Então a rainha Isabel só tinha trinta e quatro navios de guerra?

— Pois tinha. Mas os ingleses não podiam ver os espanhóis e a sua gana contra êles era tamanha, que muitas cidades se juntaram e armaram navios à sua custa. Foi assim que a armada inglesa chegou a cento e setenta navios. Mas eram todos barcos pequenos.

— E como foi a batalha?

— A armada espanhola largou do Tejo em fins de Maio de 1588. Há trinta e dois anos. Quem viu, como eu vi, aquela armada sair a barra do Tejo, viu a coisa mais linda que se pode ver. Mas apenas todo aquêl poder chegou ao mar alto, veio um temporal medonho... Aí se percebeu logo como, por dentro, havia pão bolorento. Os navios eram muito grandes, pesados e difíceis de manobrar. Precisavam de bons capitães e de boa e farta marinagem; ora os capitães não prestavam e a marinagem era pouca e indisciplinada. A tempestade fêz o que quis. Espalhou os navios; atirou cada um para seu lado. Só um mês depois a Invencível Armada conseguiu juntar-se outra vez no pôrto da Corunha. Aí tiveram de se demorar a fazer reparações nos navios. Só em fins de Julho começaram os combates. Os navios ingleses conservavam-se longe dos espanhóis e fugiam às abordagens. De noite, pela calada, vinham perto, disparavam a sua artilharia e punham-se ao fresco. Os navios espanhóis, grandes e pesados como eram, manobravam devagar; os ingleses, pequenos e por isso rápidos e ligeiros, safavam-se facilmente. Além disso, os espanhóis perdiam a maior parte dos seus tiros porque, sendo as embarcações muito altas, as balas das suas peças passavam por cima dos navios rasos dos ingleses, sem lhes tocarem. A-pesar-de tudo estou ainda hoje certo que os ingleses não levavam a melhor se a Invencível Armada fôsse bem comandada e tivesse tôda a marinagem que devia ter e a disciplina que lhe faltava. A certa altura os ingleses tiveram falta de munições e viram-se obrigados a ir buscar mais. O duque de Medina Sidónia aproveitou êste descanso para se aproximar do pôrto de Calais onde esperava reforços da Flandres. Esses reforços não chegaram; tudo estava mal combinado, mal organizado. Os pilotos espanhóis conheciam mal aquela costa, perigosa por haver ali muitos baixios; de tal modo que os navios da armada mal se atreviam a mexer-se. Em princípios de Agôsto os ingleses carregaram uns oito navios de lenhas e óleos, botaram-lhes fogo e lançaram-nos sôbre a armada espanhola. Vendo aquelas grandes fogueiras que vinham para êles a boiar sôbre o mar, os espanhóis com maus capitães e não sabendo obedecer, ganharam mêdo, perderam a cabeça e, cortando as amarras, desataram a fugir cada qual para a sua banda em grande confusão. No dia seguinte os ingleses, vendo a armada espanhola assim espalhada e em completa desordem, caíram sôbre ela e, à vontade, e com bem pouco trabalho, queimaram, afundaram e aprisionaram quantos navios puderam. Assim foi derrotada a Invencível Armada. Parece mentira. Nem gosto de o contar; podem imaginar que invento, de tal modo isto parece incrível. Os navios que escaparam navegaram para o norte a fim de voltarem para Espanha torneando a Escócia. A viagem foi

medonha. O mar andava furioso. Os homens eram poucos. Os feridos morriam ao desamparo. Ninguém sabia mandar e ninguém queria obedecer. Muitos navios deram à costa e perderam-se. Outros foram naufragar na costa da Irlanda; e os homens das tripulações que não morriam afogados, eram apanhados pelos irlandeses que davam cabo dêles à arma branca ou os enforcavam. Em fins de Setembro chegou por fim o duque de Medina Sidónia a Santander. De perto de cento e cinqüenta soberbos navios que compunham a Invencível Armada, só escaparam uns cinqüenta e êsses escangalhados e com as tripulações dizimadas.

Dom José calou-se. Durante algum tempo o silêncio foi tamanho na sala que só se ouvia a lenha a estalar na lareira. Depois Dom José continuou:

— A derrota da Invencível Armada marca o fim do poderio da Espanha. Daí para cá, tudo vai de mal a pior naquele país, louvado seja Deus. Fracos como estamos, nós, portugueses, se não fôsse a fraqueza da Espanha, não sei como haveríamos de sacudir a carga que tanto nos pesa. Mas assim...

— Assim ou de outro modo, senhor Dom José! — gritaram os rapazes. — Isto está por pouco. Viva Portugal livre!

— Deus vos oiça. Quanto a mim hei-de teimar em viver até ver no trono de Portugal um rei português.

Havia sessenta anos que Portugal se encontrava sob o domínio da Espanha. Morrera Filipe II. Depois dêle Filipe III continuara a manter as duas coroas dos reinos de Espanha e de Portugal. Por sua morte, Filipe IV ficara sendo rei das duas nações.

Filipe IV era um rapaz fraco e sem valor. Só pênsva no que lhe dava prazer. Rodeava-se de rapazes fidalgos da sua idade e que só pensavam também, como êle, em se divertir.

Quem mandava não era Filipe IV; era o seu primeiro ministro, o duque de Olivares, homem de vontade rija e áspero coração, ambicioso de poder e que só pensava no engrandecimento da Espanha fôsse lá como fôsse. Se Portugal sofrera até aí, muito mais sofria agora. Os impostos eram cada vez maiores. O duque de Olivares só queria arrancar-nos tudo quanto tínhamos e nunca acudia às necessidades cada vez maiores dêste infeliz país acorrentado. A nossa marinha e o nosso exército caíam aos bocados; não havia já comércio nem indústrias; as fortalezas não se podiam defender privadas de armas e de munições; a miséria e a desgraça alastravam a mais e mais sem que ninguém lhes desse remédio. Não faltavam queixas e revoltas em Portugal que, à força de desespero, começava a acordar e indignar-se contra tantas injustiças, crueldades e vexames.

O duque de Olivares cansado e aborrecido com as inquietações que lhe vinham de Portugal, pensou que a melhor maneira de acabar com tais contrariedades, seria tirar a êste país a sua dignidade de reino com suas leis e costumes, separado do reino de Espanha, e de o reduzir a uma simples província espanhola. Para alcançar tal fim a primeira coisa a fazer era dar cabo dos fidalgos portugueses (e eram muitos, louvado seja Deus!) que não se tinham

submetido à causa espanhola, tinham-se conservado fiéis à sua pátria e viviam na esperança ardente de a ver um dia de novo livre.

Enfraquecidos, empobrecidos ou arruinados, esmagados por brutais impostos, perseguidos, atormentados, muitos com pessoas de família mortas, presas, deportadas, pelo crime de amarem a sua terra acima de tudo, nenhum curvara a cabeça. E o duque de Olivares tinha medo dêles e bem sabia que enquanto os não arrasasse de todo, não conseguiria transformar o reino de Portugal numa província espanhola.

O maior e mais poderoso de todos êsses fidalgos, era Dom João, duque de Bragança, herdeiro legítimo da coroa portuguesa. Aquela família que descendia de Dom João I (1), e do Condestável Dom Nuno Álvares Pereira, reunia os títulos (e as correspondentes terras e haveres) de duques de Bragança, de Barcelos e de Guimarães, marqueses de Valença e de Vila Viçosa, condes de Ourém, de Arraiolos, de Neiva, de Faro, de Faria, de Penafiel. Era o duque de Bragança senhor de Monforte, de Vila do Conde, de Alegrete, de vinte e uma vilas e de imensas terras. Tinha perto de cem mil vassallos. Além disso todos os bons portugueses sabiam que era êle e só êle que tinha direito ao trono e que, no dia em que o reino quebrasse as correntes com que a Espanha o prendera, o duque de Bragança, Dom João, seria rei de Portugal.

Dom João, duque de Bragança, era um homem de trinta e seis anos, de boa presença e agradável, de boas maneiras com todos, e de muito bom pensar. Não era arrebatado, mas sim cauteloso e prudente. Tudo que fazia era bem considerado antes, de modo que as suas acções eram ponderadas e firmes. Ninguém se chegava a êle que não visse logo que êle nascera para governar. Todos os seus vassallos e todo o povo das suas terras o respeitavam e o amavam.

Era portanto o duque de Bragança, por tôdas estas razões, um inimigo perigoso; e o duque de Olivares não tinha outra idea senão ver-se livre dêle. Que havia o espanhol de imaginar para conseguir os seus fins? Nomeou o duque de Bragança Governador das armas do Reino, quer dizer, da sua defesa. Ora no desempenho dêste cargo, tinha o duque de Bragança de visitar fortalezas e navios; e o Olivares tinha tudo muito bem ordenado para que, numa dessas visitas, a guarnição espanhola lhe deitasse a mão e o levasse para Espanha, ou que o matasse. Mas tal não era a vontade de Deus; e o duque de Bragança sempre teve amigos fiéis que o preveniram a tempo, de modo que pôde tomar as suas precauções e o plano do Olivares falhou. Ora tudo isto se espalhou e a raiva dos portugueses ainda mais cresceu.

Começaram os fidalgos fiéis a juntar-se secretamente e a combinarem os seus planos, cada vez mais resolutos na sua tenção de acabarem de vez com o domínio espanhol ou de morrerem na emprêsa. Reüniam-se ora em casa de um ora em casa de outro para não haver desconfianças. Os principais eram Dom Miguel de Almeida, Pedro de Mendonça Furtado, Dom Antão Vaz de Almada. Havia muitos outros e, entre êles Dom José de Abreu que, a-pesar da sua idade era dos mais fugosos e determinados. Davam os seus cabedais para compra

(1) O primeiro duque de Bragança era filho bastardo de Dom João I.

de armas, organizavam tudo, iam cautelosamente preparando o país para o grande golpe.

Dom Rodrigo de Abreu e os seus quatro amigos serviam de correios, transmittiam ordens, levavam cartas e recados. Iam longe, por essas províncias, a cavalo, fingindo que iam de viagem ou que partiam para a caça. E como eram muito novos, pois nenhum tinha mais de vinte anos, e muito habilidosos e espertos, ninguém adivinhava as coisas importantes que andavam fazendo.

Assim por todo o país ia crescendo aquela vontade tão firme, aquela fé tão ardente que levavam os portugueses à resolução de quebrarem de vez as detestadas correntes com que a Espanha os prendera.

Quem governava então Portugal com poderes de rainha, era a duquesa de Mântua, neta de Filipe II e prima co-irmã de Filipe IV. Senhora de certa idade, mas sabendo bem impor a sua vontade e obedecendo em tudo ao duque de Olivares. Mas isto não era o pior. O pior era o secretário de Estado que tinha nas unhas o verdadeiro poder. O duque de Olivares confiara êste cargo importante ao pior dos portugueses, um tratante chamado Miguel de Vasconcelos, todo cosido com os espanhóis, um vendido, um traidor, um ladrão, sem escrúpulos, nem honra, nem coração.

A Catalunha, afrontada com a tirania do duque de Olivares, revoltou-se, gritando que queria a sua independência e que não queria mais pertencer à Espanha. O duque de Olivares teve então uma idea de grande esperteza. Convidar os principais portugueses a ir com el-rei Filipe IV à Catalunha ajudá-lo a meter aquela província na ordem. Vencer a Catalunha, enfraquecendo ao mesmo tempo os portugueses, pareceu-lhe uma boa combinação; de uma cajadada matava assim dois coelhos. Mas quando chegou a Portugal êsse convite que era uma ordem, o resultado foi muito diferente do que o Olivares imaginara.

— Que esperais? Que esperais? — gritava Dom José de Abreu nas reuniões dos conjurados. — Vamos a êles que chegou a hora!

Mandaram então um dêles a Vila Viçosa, onde estava o duque de Bragança, encarregado de lhe perguntar em nome de todos, se estava disposto a aceitar a coroa de Portugal.

O duque respondeu sem se alterar:

— Farei o que fôr da vontade da maior parte dos portugueses.

E a duquesa, Dona Luiza de Gusmão, que era senhora de grande valor e ânimo, disse:

— Mais vale morrer reinando do que acabar servindo.

Tanto o duque e a duquesa de Bragança como todos os conjurados sabiam muito bem como era séria aquela empresa e que nela arriscavam a vida.

Combinou-se então o golpe para o dia 1 de Dezembro daquele ano de 1640.

Em meados de Novembro, o Dr. João Pinto Ribeiro que era um homem muito entendido em leis e grande patriota, foi ter com o duque de Bragança a Vila Viçosa e contou-lhe o que tinham decidido. Dom João disse:

— Se a empresa falhar em Lisboa, tentarei a minha ventura com os povos do Alentejo que me são dedicados.

O Dr. João Pinto Ribeiro ajoelhou diante dêle:
— O direito conto por armado o que está para ser armado. Vossa Majestade está para ser aclamado rei natural dêste seu reino. Eu quero ser o primeiro a reconhecê-lo como tal e a beijar-lhe a mão.

Mas o duque não deixou beijar-lhe a mão e respondeu, sorrindo:

— Devagar, devagar... Não vamos comprar a couve antes de termos a carne.

Apenas o Dr. João Pinto Ribeiro voltou a Lisboa, trataram logo os conjurados de resolver tudo para o dia 1 de Dezembro.

Dom Rodrigo montou a cavalo e foi bater à porta do convento onde estava Maria do Anjo e pediu licença para lhe falar à grade.

— Meu amor— disse êle apenas a viu— está por pouco o calvário da nossa terra e o nosso. Mais uns dias, Maria do Anjo, e seremos um do outro perante Deus. Quero casar contigo no dia em que Dom João IV fôr aclamado rei de Portugal livre!

No dia 1 de Dezembro, de manhã, reüniram-se os conjurados no Paço da Ribeira, aos grupos, às diferentes portas. E alguns em coches com as armas de fogo que não podiam esconder debaixo dos capotes. Ao soar das nove horas na torre (que era o sinal combinado) entraram todos de roldão no palácio.

Naquela noite nem Dom Rodrigo nem os seus quatro amigos se deitaram. Passaram a noite inteira juntos na capela da casa de Dom José, em Bemfica. Tinham pôsto as suas espadas sôbre o altar e, de joelhos, em oração, ali fizeram a sua velada de armas como os seus antepassados as faziam em vésperas de grandes batalhas.

Na madrugada do dia tão desejado de 1 de Dezembro, a condessa de Atouguia, Dona Filipa de Vilhena, armou cavaleiros os seus dois filhos, Dom Jerónimo e Dom Francisco, de joelhos diante dela, receberam da sua mão a pancada na nuca com a espada de seu pai.

— Em nome de Deus e no lugar de vosso pai que Deus tenha, eu vos armo cavaleiros. Para livrar a nossa querida Pátria, aqui ofereço o sangue de meus dois filhos.

Do mesmo modo procedeu Dona Mariana de Lencastre armando cavaleiros seus filhos Fernão e António e recomendando-lhes que naquele grande dia se tornassem dignos do nome que seu pai lhes deixara.

Dom Rodrigo foi à mesma hora armado cavaleiro por seu avô que lhe disse: — Deus te guarde. Queira o Céu que o dia de hoje seja o que eu espero. Poderei então morrer descansado entregando nas tuas mãos o nome e a honra da nossa casa.

Os cinco rapazes, que já tantas provas tinham dado do seu valor, foram deixados nos coches juntamente com outros fidalgos. Que espera aquela! Nunca em tôda a sua vida aquêles cinco rapazes esqueceram o que ali passaram, com o coração aos trambolhões dentro do peito, ardendo em esperanças e desejosos de começar o combate para a libertação da pátria.

Ao bater das nove badaladas, os que estavam nos coches saíram de repente e atiraram-se com fúria aos guardas. Os cinco rapazes pareciam cinco demónios. Iam diante de todos, arriscando mil vezes a vida, lutando com tal bra-

vura e rapidez, que era um assombro. Os outros fidalgos, cada qual por seu lado faziam grandes prodígios. Cada um daqueles homens valia por vinte; levavam no coração a vergonha, a raiva e o desejo de vingança que sessenta anos de sofrimento e de humilhações lá tinham criado. Lembravam-se dos pais e dos filhos mortos, das pessoas de família e dos amigos deportados, exilados, torturados nas prisões.

— Toma! Toma! Maldito! Pagas agora o que os teus fizeram à minha terra!— gritavam uns.

E outros diziam, matando e ferindo:

— Aprende! Cuidavas que Portugal era teu? Vai para o inferno e que o diabo te dê o pago do mal que fizeste!

A coisa foi tão bem feita e com tal ânimo e acerto que daí a pouco tempo Dom Miguel de Almeida apareceu a uma das janelas do palácio que dava para o Terreiro do Paço e gritou ao povo:

— Liberdade! Liberdade! Viva Dom João IV, rei de Portugal! O duque de Bragança é o nosso rei legítimo!

Não pôde dizer mais. As lágrimas de alegria sufocavam-no, corriam a quatro e quatro pelas suas barbas brancas.

Dentro do palácio uns poucos de fidalgos andavam à procura de Miguel de Vasconcelos, o traidor, o tirano; queriam ajustar contas com aquêlê mau português que tanto mal lhes fizera. Dom Rodrigo largou a correr por uma galeria seguido por outros e entrou no gabinete do patife. Mas êste, ouvindo o barulho e cobarde como era, em lugar de ir defender a duquesa de Mântua, fechara-se no gabinete e metera-se dentro de um armário de papéis, a ver se assim escapava. Os fidalgos, não o vendo no gabinete, iam já a saír, quando Dom Rodrigo se lembrou de abrir o armário. Miguel de Vasconcelos, que tinha levado para o esconderijo uma clavina carregada, apontou-a ao rapaz. Mas Dom Rodrigo, com um golpe certo da sua espada, fêz-lhe cair a arma das mãos. Um dos outros atravessou-lhe o coração com uma punhalada. Depois, cegos de fúria e sem pensarem no que faziam, pegaram no corpo morto e atiraram com êle pela janela fora.

Nessa altura já havia muito povo no Terreiro do Paço. Quando aquela gente viu cair o corpo de Miguel de Vasconcelos, que tanto odiava, e com tanta razão, caiu sôbre êle como feras e levou-o de rastos pelas ruas, fazendo grande alarido e gritando:

— Traidor! Traidor! Morte aos vendidos! Viva Dom João IV! Viva Portugal restaurado!

Entretanto a duquesa de Mântua chegou a uma janela do Paço e disse ao povo em voz alta com muita coragem:

— Que é isto, portugueses? Que é da vossa lealdade?

Responderam-lhe logo muitas vozes:

— Não guardamos lealdade a tiranos nem a traidores! Não queremos reis estrangeiros! Não nascemos para ser esfolados!

Dom Miguel de Almeida e outros fidalgos obrigaram com muito custo a duquesa a vir para dentro da sala e pediram-lhe com tôda a cortesia que se retirasse para os seus aposentos.

Mas a duquesa de Mântua, que era orgulhosa, estava tãda agastada.

— Ora essa! — disse ela — Quem manda aqui?

E queria por fôrça ir falar ao povo. Vendo que os fidalgos a não deixavam, voltou-se para êles tãda empertigada e disse-lhes:

— Basta, senhores! Miguel de Vasconcelos, o ministro culpado, já pagou os seus êrros. Tendes de vos contentar com isso. Prometo-vos obter de el-rei de Castela que vos perdõe e até que vos agradeça o castigo que infligistes ao homem que vos tiranzava.

Dom Rodrigo, antes que mais ninguém falasse, deu um passo para a duquesa e disse-lhe:

— Minha senhora, el-rei de Castela pode premiar, castigar ou perdoar as acções dos castelhanos. Os portuguezes já não conhecem outro rei senão o seu rei portuguez que é o duque de Bragança.

Ao ouvir estas palavras, a duquesa de Mântua entrou numa grande cólera:

— Quem é esta criança que se atreve a entrar aqui sem minha licença? E como é que portuguezes de barbas brancas permitem que assim se insulte no Paço Real, a representante de el-rei dêstes reinos?

E por aqui fora, não se calava, tãda afoguada de raiva.

Dom Carlos de Noronha, um dos que ali estavam, perdeu a paciência e disse-lhe:

— Será melhor que Vossa Alteza se cale e se retire, não vá alguém cansar-se de a ouvir e acabe por lhe faltar ao respeito devido a uma senhora.

— Faltar ao respeito? A mim?! — gritou ela tãda soberba. — E como, não me dirá?

Dom Carlos de Noronha não se alterou; respondeu com todo o sossêgo:

— Obrigando Vossa Alteza, se não quiser entrar por esta porta, a sair por aquela janela.

A duquesa de Mântua ia responder desabridamente, mas olhando para os outros fidalgos, viu diante de si caras tão severas e resolutas que, sem mais uma palavra, safu da sala e recolheu-se ao seu oratório.

Dom Antão Vaz de Almada e outros fidalgos ficaram a guardar-lhe os aposentos de modo que ninguém lá podia entrar e ninguém de lá podia sair sem licença dêles.

Uma grande parte do povo de Lisboa, não sabendo ao certo o que se tinha passado, não se atrevia a vir para a rua. Uns fechavam-se em casa, outros refugiavam-se nas igrejas.

Então uns poucos de fidalgos montaram a cavalo e percorreram as ruas da cidade aclamando Dom João IV e gritando que Portugal estava livre do domínio estrangeiro. Entre estes fidalgos, iam Dom Rodrigo e os seus amigos e, só por si, faziam tal vozeria, que os seus gritos de alegria e de vitória seriam capazes de ressuscitar os mortos. Tãdas as janelas se abriam, tãda a gente ganhava ânimo e vinha para a rua; e percebendo enfim o que sucedera o povo inteiro safu das casas e das igrejas e veio gritar e aclamar com os fidalgos. Estavam todos doidos de felicidade. Berravam quanto mais podiam; e alguns bailavam e folgavam pelas ruas e praças.

Dom Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, santo homem que todos respeitavam e estimavam, estava orando na capela-mor da Sé, rodeado pelos seus cónegos, pedindo a Deus com tóda a sua alma que desse a Portugal a sua liberdade perdida e o seu rei verdadeiro.

Nisto alguns fidalgos entraram na Sé e aproximando-se do Arcebispo, deram-lhe a boa nova e pediram-lhe que fôsse tomar conta do Govêrno até el-rei Dom João chegar de Vila Viçosa.

O Arcebispo saiu da Sé a pé acompanhado por grande parte do seu clero e precedido pela cruz alçada, com grande acompanhamento de fidalgos e de povo. Quando iam a passar defronte da igreja de Santo António, o povo que era muito, começou em grandes clamores a pedir ao Arcebispo que lhe lançasse a bênção.

O Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, pôs os olhos num crucifixo de prata que um dos seus capelães levava erguido, e pediu em voz alta a Jesus Cristo que abençoasse êle próprio o povo português naquele tão grande dia da restauração do reino.

Apenas o Arcebispo terminou a sua prece — conta-se — o braço direito da imagem despregou-se da cruz e estendeu-se em gesto de abençoar.

O povo caíu de joelhos, gritando:

— Milagre! Milagre! Louvado seja Deus!

E com muitos cânticos e acções de graças e lágrimas de alegria, uma enorme multidão de povo acompanhou o Arcebispo até ao Paço da Ribeira.

E todo aquêlê dia e tóda aquêla noite, o povo de Lisboa encheu as ruas folgando e gritando:

— Viva Portugal restaurado! Viva el-rei Dom João IV!

Os fidalgos obrigaram a duquesa de Mântua a dar ordem ao comandante do castelo de S. Jorge que se rendesse com tóda a guarnição. Do mesmo modo se renderam tódas as tórres e castelos dos arredores de Lisboa e o castelo de Almada.

A duquesa de Mântua foi mandada para o palácio de Xabregas com tóda a sua côrte e lá ficou bem guardada até que a levaram para Espanha. Os ministros espanhóis foram todos presos.

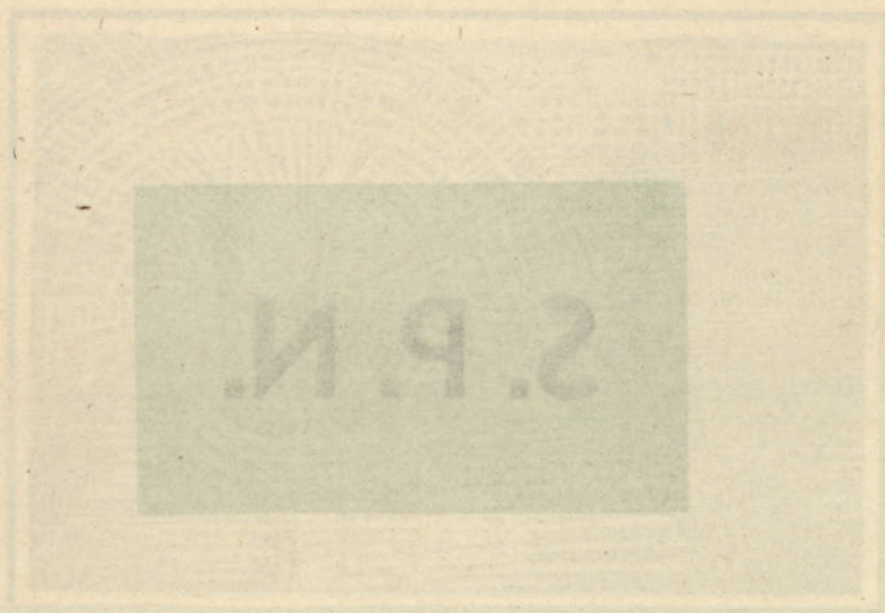
Nas duas primeiras semanas de Dezembro tódas as terras de Portugal aclamaram el-rei Dom João IV. Portugal quebrara de vez as correntes que o prendiam. Durara sessenta anos o seu calvário.

A SEGUIR:

**HISTÓRIA DO GRANDE SONHO
DO ENCOBERTO**

HISTÓRIA DO GRANDE
SONHO DO ENCOBERTO

L. 129.24.2 V.



COLEÇÃO PÁTRIA - LIVRO NÚMERO PRINTA E SETE

Virginia de Castro e Almeida escreveu;
Pamela Boden ilustrou;
O S. P. N. mandou dar à estampa.

LISBOA - EDIÇÕES S. P. N. - 1943

